

Aprendizes da Oposição

Joana Amado

Se hoje Joerg Haider controla, a partir da Caríntia, o Governo de Viena é porque a sociedade civil, a oposição de esquerda e o maior partido do país deixaram que isso acontecesse.

Com o nome aglutinador de "Ofensiva democrática", uma mistura de organizações de defesa dos direitos dos imigrantes, dos direitos das mulheres, dos homossexuais e de luta contra o racismo começou a estruturar-se na Áustria, imediatamente após o Presidente austríaco Thomas Klestil ter anunciado que ia empossar o novo Governo de coligação entre os conservadores de Wolfgang Schuessel e os "liberais" de extrema-direita liderados por Joerg Haider.

À primeira manifestação convocada pela SOS-Mitmensch (a principal organização da "ofensiva"), seguiram-se outras, diárias, que aconteceram graças às convocações via telemóvel ou internet - as participações oscilaram entre as 15 mil pessoas e as duas mil - e culminaram no recorde absoluto do protesto organizado a 19 de Fevereiro que juntou 250 mil pessoas, segundo os organizadores. Ao grupo inicial de inconformados juntou-se uma lista de importantes personalidades da cultura e do mundo do espectáculo de Viena e juntaram-se, também, os sindicatos e os dois principais partidos da oposição (os sociais-democratas do SPOe e os Verdes). E aos apelos do Governo para que os austríacos (e o mundo) o julgassem depois de o deixar governar, a "ofensiva democrática" respondeu saindo para a rua - "hoje, amanhã, depois e as vezes que forem precisas" - exigindo o fim de um Executivo "inaceitável" que mal tinha começado a trabalhar. Viena viveu dias emocionantes, revolucionários até. Olhando para o passado, contam-se pelos dedos as manifestações de rua no jovem país saído das ruínas do III Reich. E, como recordou Max Koch, fundador da SOS-Mitmensch, essas foram manifestações "apolíticas" contra o racismo (a morte de Omafuma, um refugiado africano que morreu no avião que o devia repatriar, asfixiado por uma mordaça colocada pelos polícias austríacos) ou contra o programa xenófobo de Haider em 1993 ou ainda, em Novembro do ano passado, contra "a coligação com o fascismo". "Agora, os cartazes e as palavras de ordem são bastante mais agressivos contra o FPOe e principalmente contra os conservadores".

De facto, não foi à porta da sede do FPOe que milhares de pessoas gritaram nas últimas semanas "não à coligação OeVP/SPOe". A mensagem era para ser ouvida por Schuessel, o homem que "vendeu a alma ao diabo" para ser chanceler, o político irresponsável que não olhou a meios para chegar ao poder e não pesou as consequências de uma aliança que o mundo não queria.

No Parlamento federal austríaco também se registaram novidades. Inspirados pela "voz do povo nas ruas", os Verdes apareceram na cena política como uma verdadeira força da oposição ao novo Governo. Multiplicando os ataques contra o "partido fascistóide" de Haider e denunciando o "compromisso vergonhoso" dos conservadores, este partido jovem (5,5 por cento de votos em 1995 e 7,4 em Outubro passado) poderá transformar-se no ponto de atracção de todos aqueles que querem, verdadeiramente, dizer "não" à nova coligação.

Resta saber como vão reagir os sociais-democratas do SPOe. Após trinta anos de poder, e de compromissos duvidosos com as ideias de Haider por medo de deixar

escapar votos para o FPÖ - o antigo ministro do Interior, Karl Schloegl, é o responsável pelas actuais políticas de restrição à imigração que tinham sido reclamadas por Haider - o maior partido austríaco parece ainda estar atordoado com a ideia de que agora terá de fazer aquilo que nunca aprendeu a fazer: oposição.

Para muitos analistas e optimistas, o traumatismo sofrido pelo SPÖ pode transformar-se numa energia salvadora caso os sociais-democratas decidam virar à esquerda, renunciando a uma reconciliação com os conservadores e tentando conquistar os eleitores de esquerda (a classe operária) que foram seduzidos pelo populista Haider.

Com um novo líder, Alfred Gusenbauer, que prometeu uma guerra sem tréguas ao novo Governo, os sociais-democratas aliados aos Verdes não possuem votos suficientes para somar uma maioria na oposição. Mas Gusenbauer promete, ainda assim, apresentar contrapropostas a todas as medidas do Governo, lançando uma clara mensagem ao eleitorado de que não vai pactuar com a "fraude Haider" nem facilitar a vida aos seus antigos aliados políticos. O objectivo do SPÖ é, desde o primeiro minuto em que se encontrou na pele de principal partido da oposição, fazer tudo para que o Governo ÖVP/FPÖ dure o mínimo tempo possível. E, ao que tudo indica, todas as armas serão válidas.

Omnipresentes em todo o aparelho de Estado, graças ao tão criticado sistema "Proporz", é mais do que esperado que, para além de serem uma força de oposição, os sociais-democratas sejam também uma força de bloqueio - como irá conseguir trabalhar, por exemplo, a ministra dos Assuntos Sociais do FPÖ em um ministério onde toda a burocracia é controlada por sociais-democratas?

São estas, portanto, as forças de oposição interna ao novo Governo que começam agora a organizar-se e a definir estratégias de combate, dando mostras de um vigor até aqui desconhecido. Tanta energia parece ter uma origem: complexos de culpa. Se hoje Joerg Haider controla, a partir da Caríntia, o Governo de Viena é porque a sociedade civil, a oposição de esquerda e o maior partido do país deixaram que isso acontecesse. Durante os últimos trinta anos, os governos sociais-democratas (a solo ou em coligação com os conservadores e até, numa determinada altura, com o FPÖ na sua fase mais liberal pré-Haider) habituaram-se a governar sem uma verdadeira oposição, dando como garantida a sua permanência no poder, desleixando a sua performance governativa e adiando reformas há muito necessárias (a do sistema de segurança social, por exemplo).

Enquanto Haider ia multiplicando desmandos pró-nazis, xenófobos e racistas, reclamando "a Áustria para os austríacos", criticando a social-democracia desleixada, a União Europeia "onde os inúteis do Sul vivem à custa dos trabalhadores do Norte" e que vai abrir as portas à mão-de-obra barata do Leste, a percentagem de votos do FPÖ ia aumentando ao mesmo ritmo que a percentagem da abstenção dos eleitores de esquerda. Partidos como os Verdes foram incapazes de mobilizar um eleitorado anestesiado contra a ameaça Haider.

O escritor austríaco Robert Menasse é um desses eleitores que disse ao "Libération" ter acordado estremunhado graças a Haider. "Estou contente por poder manifestar-me contra ele. Fico contente por tudo aquilo que possa politizar a Áustria. Haider tem uma função importante a desempenhar já que ele não é uma antítese dos partidos que antes estiveram no poder, mas sim uma exacerbação destes. Essa função é levar as pessoas para a rua".

Coligação desce e Verdes sobem

O apoio popular ao FPÖ de Joerg Haider parece ter atingido o seu auge e está já em curva descendente, segundo uma sondagem publicada em meados do mês

passado. Interrogados sobre em que partido votariam se as eleições se realizassem nessa altura, 26 por cento dos austríacos que participaram na sondagem responderam que apoiariam o FPÖ - este número não só é inferior aos 33 por cento que disseram que votariam no FPÖ numa anterior sondagem realizada no início de Fevereiro, como também é ligeiramente inferior aos 27 por cento de votos que o partido de Joerg Haider recebeu nas eleições legislativas de Outubro.

Também em queda livre parece estar o partido conservador do chanceler Wolfgang Schuessel: apenas 19 por cento dos inquiridos responderam que votariam naquele partido, que recebeu 27 por cento dos votos em Outubro.

O grande beneficiado pela quebra do apoio aos dois partidos que formam agora a coligação governamental parece ter sido o partido dos Verdes. Segundo a sondagem, realizada por um instituto de Linz, estes duplicaram a sua percentagem de votos, sendo agora preferidos por 16 por cento dos inquiridos depois de terem recebido apenas 7,4 por cento dos votos nas eleições de Outubro.